

ZINE CONSCIENTE

#37



**Uma nova experiência
capitalista**

“Corporações, dinheiro e nações existem apenas em nossa imaginação. Nós os inventamos para nos servirem; por que chegamos a sacrificar nossas vidas a seu serviço?” Yuval Noah Harari

A economia Donut

“Não há nenhum motivo aparente e por que um negócio não possa ser ético, responsável socialmente e lucrativo.”

John Mackey

Ao longo dos últimos séculos, modelos “extrativos” de atuação econômica vêm causando efeitos devastadores ao redor do planeta, impondo verdadeiros dramas socioambientais. A economia molda o mundo em que vivemos, por mais avesso que qualquer um seja a números, estatísticas e fórmulas matemáticas.

Kate Raworth, economista e professora no

Environmental Change Institute, da Universidade de Oxford, e no programa Economics for Transition, do Schumacher College, tem como foco os problemas sociais e econômicos do século 21. Em 2017, Raworth se questionou: “E se começássemos a economia não com suas teorias há muito estabelecidas, mas com as metas a longo prazo da humanidade, e então buscássemos o pensamento econômico que nos permitisse atingi-las?”.

Ao desenhar suas metas, ela chegou a uma curiosa forma de rosquinha ou donut – um par de anéis concêntricos, com o alicerce social dentro do anel interno e o teto ecológico representado pelo anel externo.

Figura 1.0 A essência do Donut: um alicerce social de bem-estar abaixo do qual ninguém deve cair e um teto ecológico de pressão planetária que não devemos transpor. Entre os dois encontra-se o espaço seguro e justo para todos.

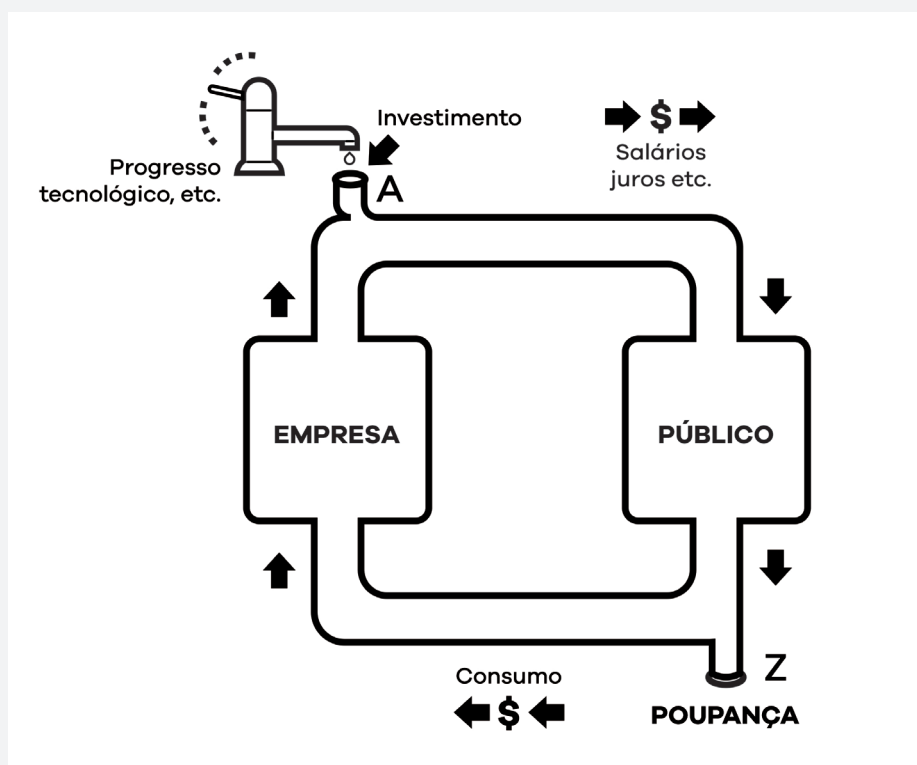


O diagrama do fluxo circular de Samuelson

Embora extremamente eficiente, a ideia de representar processos econômicos através de figuras não é nova. Em meados do século XX, o norte-americano Paul Samuelson (1915-2009), considerado o pai da economia moderna, também recorreu a um diagrama para explicar o fluxo econômico. A abordagem por figuras e diagramas, mais lúdica do que os complexos cálculos e equações, foi um sucesso entre os alunos de engenharia que faziam um ano de curso obrigatório de economia no Massachusetts Institute of Technology (MIT).

Para explicar o fluxo de renda, por exemplo, Samuelson criou seu diagrama mais conhecido: o Fluxo circular, de 1948, que ilustrava a renda circulando pela economia como se fosse água passando em uma instalação hidráulica.

Figura 1.1 O diagrama do fluxo circular de Samuelson.



Fonte: RAWORTH, 2019, p. 28.

Com o Donut em mãos, Raworth estabeleceu uma questão central:

Se a meta da humanidade no século XXI é entrar no Donut, que mentalidade econômica nos dará a maior chance de chegar lá?

Após o colapso econômico de 2008, desencadeado pela cobiça, muitas pessoas des-

pertaram para a necessidade de construir negócios “iluminados” e empreendedorismo “verde”. A ideia é não somente enriquecer e ostentar riqueza material, mas sim desenvolver um trabalho significativo e negócios sustentáveis, capazes de fazer o bem enquanto geram lucros.

Para a humanidade promover tais mudanças e ingressar no modelo Donut, entre ou-

tras medidas, Kate Raworth propõe as seguintes diretrizes:

• Mudança de objetivo

Sociedades mais igualitárias são mais saudáveis e felizes. Essa talvez seja uma das maiores lições econômica do século XX, publicada no livro “The Spirit Level”, dos epidemiologistas Richard Wilkinson e Kate Pickett (WILKINSON & PICKETT, 2011):

“Países mais desiguais tendem a ter mais casos de gravidez adolescente, enfermidade mental, uso de drogas, obesidade, encarceramento, evasão escolar e colapso das comunidades, bem como menor expectativa de vida, status inferior para mulheres e níveis mais baixos de confiança. Os efeitos da desigualdade não estão confinados aos pobres. A desigualdade prejudica o tecido social de toda a sociedade.”

Muitos governantes e empresários, no entanto, insistem em fixar o PIB (Produto Interno Bruto) como medida básica de progresso, fixação frequentemente utilizada como justificativa para enormes desigualdades de renda e riqueza, além da crescente degradação ambiental. O modelo Donut

propõe um objetivo muito mais abrangente: atender aos direitos humanos de cada indivíduo respeitando os limites naturais da Terra. Assim, em vez de priorizar o crescimento infinito do PIB, o que deve ser perseguida é a prosperidade coletiva em equilíbrio com a natureza.

Kate Raworth observa que, atualmente, políticos e economistas debatem constantemente práticas de eficiência econômica, produtividade e crescimento, porém evitam abordar temas relativos à justiça social, correção e direitos. Segundo Raworth, “falar de valores e objetivos é uma arte perdida a ser revivida. Com toda a falta de jeito de adolescentes aprendendo a falar dos seus sentimentos pela primeira vez, economistas e políticos – junto com o resto de nós – estão buscando as palavras (e, é claro, as imagens) para articular um propósito econômico maior do que o crescimento” (RAWORTH, 2018).

• Análise do quadro geral

Como vimos, o icônico diagrama do fluxo circular de Paul Samuelson, elaborado no fim da década de 1940, na esteira da Grande Depressão e da Segunda Guerra Mundial, buscava encontrar formas de fazer o dinheiro voltar a circular na economia. Nesse cená-

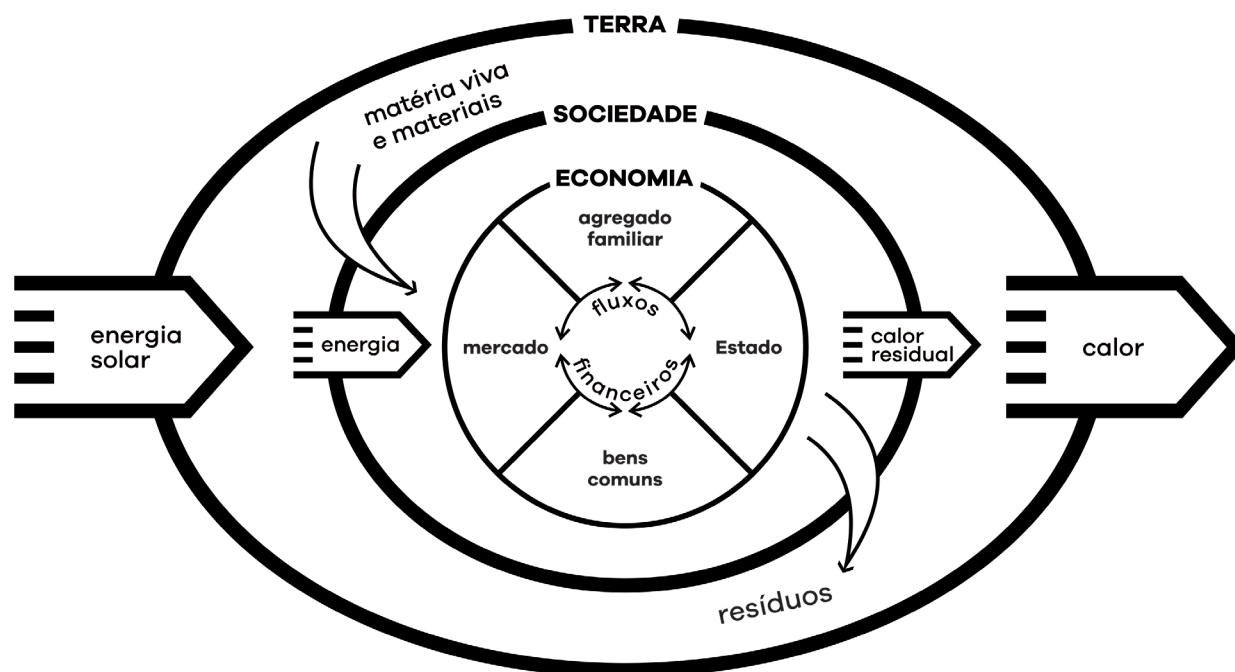
O termo “economia política” foi cunhado em 1767 pelo advogado escocês James Steuart (1707-1780) para designar “a ciência da política interna nas nações livres”. Ele já compreendia naquela época a importância do bem-estar comum para o desenvolvimento econômico, político e social, afirmando:

“O principal objeto dessa ciência é garantir um fundo de subsistência para todos os habitantes, prevenindo qualquer circunstância que possa torná-lo precário; prover tudo o que for necessário para suprir as vontades da sociedade e empregar os habitantes de uma forma tal que se criem naturalmente relações e dependências recíprocas entre eles, fazendo com que seus interesses diversos os levem a suprir-se mutuamente com suas vontades recíprocas” (STEUART, 1767).

rio, compreensivelmente, Samuelson limitou-se ao fluxo monetário; hoje, contudo, do que precisamos para suprir nossas necessidades?

Para responder essa questão, Raworth introduz um diagrama de Economia Integrada, formado pelos seguintes componentes (RAWORTH, 2018):

Figura 1.2 Economia Integrada.



Fonte: RAWORTH, 2018, p. 82.

A **Terra**, que dá a vida - portanto, respeite seus limites.

A economia funciona dentro de uma biosfera, extraíndo continuamente energia e recursos terrestres. Todos os produtos existentes, desde cimento até automóveis de luxo, são resultantes desse interfluxo de energia e matéria. Da mesma forma, a economia precisa do planeta para escoar seus dejetos – gases, plásticos e fertilizantes.

No entanto, como denuncia Raworth, ela “continua a ser ensinada nos dias de hoje com escassa atenção ao planeta vivo que nos sustenta e à flamejante estrela de cuja energia todos dependemos. Ela relega tensões ecológicas tais como as mudanças climáticas, o desmatamento e a degradação do solo à periferia do pensamento econômico,

até que se tornem tão graves que seus impactos econômicos nocivos exijam atenção” (RAWORTH, 2018, p. 85).

A **sociedade**, que é fundacional – portanto, alimente suas conexões.

O termo “capital social” é utilizado por teóricos políticos para indicar o grau de confiança e reciprocidade existente em grupos sociais. A saúde econômica está diretamente relacionada à qualidade dessas relações de cooperação e interdependência, assim como a prática de qualquer esporte exige o respeito dos jogadores a um dado conjunto de regras.

A **economia**, que é diversificada – portanto, apoie seus sistemas.

As atividades econômicas de produção, dis-

tribuição e consumo de produtos e serviços envolvem quatro principais domínios: o agregado familiar, o mercado, os bens comuns e o Estado. Os agregados familiares produzem bens “nucleares” para seus próprios integrantes; o mercado produz bens privados para os consumidores; os bens comuns produzem bens construídos em conjunto para comunidades específicas; e o Estado gera bens públicos para a população.

Todos nós transitamos continuamente entre esses domínios, assumindo diversos papéis em cada momento e situação. A compreensão dessa incessante ciranda de funções é fundamental para promover uma sociedade mais autoconsciente e colaborativa, na qual não há perdedores ou ganhadores, apenas geração de valor compartilhado.

*O **agregado familiar**, que é nuclear – portanto, valorize sua contribuição.*

A teoria econômica dominante desconsidera o trabalho doméstico, não remunerado e tradicionalmente feminino que cria, prepara e cuida da mão de obra assalariada. Conhecido como economia reprodutiva ou segunda economia, esse trabalho promove o bem-estar pessoal e familiar, sustentando a vida social através de recursos universais e intangíveis de tempo, conhecimento, habilidade, cuidado, empatia, ensino e reciprocidade (COOTE & GOODWIN, 2010).

Essas tarefas, longe de ser secundárias, constituem uma “economia nuclear” da qual todos nós participamos, de forma mais ou menos ativa, diariamente. Sem todas as tarefas de cozinhar, lavar, arrumar e alimentar, não haveria funcionários saudáveis e prontos para o trabalho cada manhã.

De fato, um estudo realizado em 2019 com 15 mil mães norte-americanas revelou que, se elas fossem remuneradas pelos salários por

hora vigentes para cada função desempenhada – governanta, babá, faxineira, psicóloga, motorista, etc. -, receberiam aproximadamente 178 mil dólares por ano. (SALARY.COM, 2019).

*O **mercado**, que é poderoso – portanto, integre-o com sabedoria.*

A autora compara o mercado ao fogo, que “é extremamente eficiente no que faz, mas perigoso se foge do controle” (RAWORTH, 2018). Embora o mercado seja capaz de coordenar bilhões de compradores e vendedores a partir de um sistema global de preços, ele só valoriza o que pode ser precificado e só beneficia a quem pode pagá-lo.

O mercado é intensamente influenciado por valores culturais, leis e políticas e, ao contrário do que muitos imaginam, esses aspectos são indispensáveis para mantê-lo saudável e funcional – basta pensar nas exigências de relatórios corporativos, na primazia do acionista e nos “salvamentos” econômicos de empresas promovidos pelo Estado durante grandes crises.

*Os **bens comuns**, que são criativos – portanto, libere seu potencial.*

Como recursos naturais e sociais compartilháveis, os bens comuns abrangem desde pastos, florestas e áreas de pesca até redes sociais, aplicativos, cursos online gratuitos e a Wikipédia.

Os bens comuns digitais são, indubitavelmente, os mais exitosos atualmente, representados por uma vasta rede de produtos e serviços, inovações de código aberto que são abundantes, democráticas e cooperativas.

Como explica o filósofo esloveno Slavoj Žižek em seu livro “A coragem da desesperança” (ŽIZEK, 2019):

“pode-se conceber o modo de produção dos bens comuns colaborativos como o retorno, num nível superior, a presentes-trocas: no modo de produção dos bens comuns colaborativos, indivíduos põem seus produtos gratuitamente em circulação. Essa dimensão emancipatória dos bens comuns colaborativos deve, é claro, ser situada no contexto da ascensão da assim chamada “Internet das Coisas” (IoT, na sigla em inglês), combinada com outro resultado do desenvolvimento atual das forças produtivas, o crescimento explosivo de “custos marginais zero” (muitos produtos, e não só informação, podem ser produzidos em maior escala sem custo adicional algum)”.

O **Estado**, que é essencial – portanto, torne-o responsável.

Idealmente, o Estado deve atuar como aliado econômico, capacitando e empoderando cidadãos, projetos e organizações. De acordo com o cientista político James Robinson e o economista Daron Acemoglu, o sucesso nessa missão está atrelado à natureza inclusiva ou extrativa das instituições políticas e econômicas estatais.

Enquanto as instituições inclusivas são acessíveis e democráticas, representando muitas pessoas em seus desígnios, as extrativas são comandadas por poucos e autoritárias (ACEMOGLU & ROBINSON, 2013).

Kate Raworth corrobora essa visão sobre a função estatal, defendendo que “o Estado deveria se empenhar ao máximo para ganhar o Oscar de Melhor Ator Coadjuvante – no papel do parceiro econômico que tanto apoia o agregado familiar como os bens comuns e o mercado” (RAWORTH, 2018).

As **instituições financeiras**, que estão a

serviço – portanto, faça-as servir à sociedade.

Repensar o dever social dos bancos comerciais exige, primeiramente, o reconhecimento de três mitos sobre seu funcionamento: a conversão da poupança dos clientes em investimentos, a estabilização da economia através das transações bancárias e o incentivo à economia produtiva.

Raworth explica que a grave crise financeira de 2008 desfez esses mitos, revelando como pequenas elites manipulam a criação de dinheiro e lucram alto com isso, deixando em segundo plano os interesses comunitários.

As **empresas**, que são inovadoras – portanto, dê um propósito a elas.

No âmbito mercadológico, a maioria das empresas é extremamente inovadora, mesclando colaboradores, energia, materiais e tecnologia para oferecer produtos e serviços revolucionários. O ambiente interno organizacional, contudo, também deve receber tanta atenção quanto os índices de lucratividade, uma vez que ele envolve aspectos altamente subjetivos como a dignidade, a autonomia, a saúde e o bem-estar dos funcionários.

Atualmente, têm muito mais chances de sucesso os negócios com um propósito inspirador e holístico, e cabe tanto aos governantes quanto à população em geral orientar e exigir esse tipo de postura corporativa.

O **comércio**, que tem dois lados – portanto, torne-o justo.

No início do século XIX, o influente economista britânico David Ricardo (1772-1823) apresentava sua teoria do comércio como uma relação ganha-ganha (RICARDO, 2018). Naquela época, contudo, os fatores de pro-

dução – terra, capital e mão de obra – restringiam-se às fronteiras nacionais, um cenário bem diverso do atual mundo globalizado em que vivemos.

Hoje, embora países muito distintos possam obter benefícios mútuos ao estabelecer relações comerciais, países de alta renda, como os Estados Unidos e o Reino Unido, frequentemente adotam medidas de proteção tarifária e subsídios industriais, enquanto exigem que as nações de baixa e média renda abram suas fronteiras.

*O **poder**, que permeia tudo – portanto, vigie seus abusos.*

A concentração de renda e riqueza nas mãos de poucos bilionários e conselhos administrativos de empresas traduz-se em poder de influência sobre a forma como a economia é conduzida – e a favor de quem. Após vários anos de estudos sobre o financiamento político nos Estados Unidos, o cientista político Thomas Ferguson expôs essa realidade em sua conhecida “regra de ouro”: “Para descobrir quem manda, siga o dinheiro” (FERGUSON, 1995).

• **Estímulo à natureza humana**

Ao contrário do que muitos acreditam, o economista escocês Adam Smith (1723-1790) não resumia o comportamento humano ao interesse próprio, mas também ressaltava “justiça, generosidade e espírito público... as qualidades mais úteis para os outros. Por mais egoísta que se possa supor o homem, há evidentemente alguns princípios na sua natureza que o fazem interessar-se pela boa fortuna dos outros, e com que a felicidade destes lhe seja necessária, embora não retire nada dela exceto o prazer de vê-la” (SMITH, 2015).

Frequentemente agimos espontaneamen-

te de modo altruísta e empático: seguramos a porta uns para os outros, auxiliamos estranhos com suas bagagens pesadas, doamos objetos usados, dinheiro, sangue e até órgãos para pessoas que sequer conhecemos. Como espécie, nossa tendência à cooperação se reflete em propensão a negociar, compartilhar e retribuir favores, e é essa reciprocidade que deve ser cada vez mais estimulada e praticada por governos, empresas e cidadãos.

• **Compreensão do funcionamento dos sistemas**

Hoje, uma visão sistêmica da economia global evidencia o rápido agravamento da desigualdade social e da degradação ecológica. De acordo com o historiador ambiental vencedor do Prêmio Pulitzer Jared Diamond, modificar esses rumos é ainda mais desafiador em uma sociedade tão estratificada, com poucos bilionários totalmente separados do povo. Segundo Diamond, temos “um caminho para problemas” quando os interesses em curto prazo dessa pequena elite mundial se opõem aos interesses em longo prazo das comunidades (DIAMOND, 2005).

Ainda no início do século XXI, a destruição ambiental segue galopante, bilhões de pessoas vivem na pobreza e o 1% dos indivíduos mais ricos concentra mais da metade da riqueza financeira do planeta. Para evitar o colapso iminente, Kate Raworth sugere a substituição da economia atual, degenerativa e divisiva por definição, pela economia do amanhã, regenerativa e distributiva por concepção (RAWORTH, 2018):

“Uma economia distributiva por concepção é aquela cuja dinâmica tende a dispersar e fazer circular o valor à medida que este é criado, em vez de concentrá-lo em um número de mãos cada vez menor. Uma economia regenerativa por concepção é aquela

em que todas as pessoas se tornam participantes plenas na regeneração dos ciclos geradores de vida da Terra, para que prosperemos dentro dos limites planetários". ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

• **RAWORTH**, Kate. Economia Donut: Uma alternativa ao crescimento a qualquer custo. Zahar, 2019.

• **WILKINSON**, Richard & **PICKETT**, Kate. The Spirit Level: Why Greater Equality Makes Societies Stronger. Bloomsbury Publishing PLC, 2011.

• **STEUART**, James. An Inquiry into the Principles of Political Economy: Being an Essay on the Science of Domestic Policy in Free Nations. A. Millar and T. Cadell, 1767.

• **SALARY.COM**, 2019. Disponível em: <https://www.salary.com/articles/mother-salary/> Acesso em: 05/04/2020.

• **ZIZEK**, Slavoj. A coragem da desesperança: Crônicas de um ano em que agimos perigosamente. Editora Zahar, 2019.

• **ACEMOGLU**, Daron & **ROBINSON**, James A.. Why Nations Fail: The Origins of Power, Prosperity, and Poverty. Crown Business, 2013.

• **RICARDO**, David. Princípios de Economia Política e Tributação. Lebooks Editora, 2018.

• **FERGUSON**, Thomas. Golden Rule: The Investment Theory of Party Competition and the Logic of Money-Driven Political Systems. Uni-

versity of Chicago Press, 1995.

• **SMITH**, Adam. Teoria dos Sentimentos Morais. WMF Martins Fontes, 2015.

• **DIAMOND**, Jared. Colapso. Como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso. Editora Record, 2005.



**CAPITALISMO
CONSCIENTE[®]**
BRASIL